

UMA ESCRIVÊNCIA SOBRE MATERNIDADE, AUTOCONHECIMENTO, SAÚDE E SOCIEDADE

A LIFE-WRITING ABOUT MATERNITY, SELF-KNOWLEDGE, HEALTH AND SOCIETY

Adriana Ribeiro de Macedo[adriana.macedo@ifrj.edu.br]

Docente de Fisioterapia – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro

RESUMO

Este é um artigo de reflexão sob a forma de escrituragem inspirado no livro *Olhos D'água*, escrito pela autora Conceição Evaristo. Aborda o processo através do qual as barreiras femininas são desveladas na maternidade. São exploradas as afetações e reações, decorrentes do conflito no corpo e na mente frente aos limites enfrentados, e os desdobramentos desse processo único. Essa escrita-vida parte da figura de uma estudante e pesquisadora que teve uma educação formal técnica e acrítica e sempre pautou sua vida por valores meritocráticos. Na condição de mãe, ela se depara com as contradições entre discurso e realidade e se vê frente a frente com a opressão que até o momento não tinha percebido. O cuidado e o comum são categorias desvalorizadas na prática social contemporânea, embora sejam indispensáveis à saúde humana. A partir dessa escrituragem, o artigo resgata a necessidade de retomada dessas categorias.

PALAVRAS-CHAVE: escrituragem; maternidade; autoconhecimento; cuidado.

ABSTRACT

*This paper is a life-writing, inspired by the book *Olhos D'água*, written by Conceição Evaristo. It addresses feminine barriers, emotions, and reactions, caused by conflicts at the extreme limit of resistance during motherhood. Body and mind are affected at this unique moment and the feelings, the processes, and the reactions are explored. This life-writing reflection paper starts with a white middle-class woman character who becomes a mother. The woman is a student and researcher who had a technical and uncritical education and guides her life by meritocratic values. Facing discourse and reality contradictions the mother analyzes her own position and feels the oppression she had never experienced before. "Caring" and "communal" values are undervalued notions in contemporary social practices, however indispensable to human health. Based on the life-writing produced, this paper highlights these notions.*

KEYWORDS: *life-writing; motherhood; self-knowledge; care.*

INTRODUÇÃO

Esta escrituragem, inspirada no livro *Olhos D'água* (Evaristo, 2016), trata de mulheres que sentem sobre seus ombros o peso de um sistema individualista, meritocrático, patriarcal e machista que dificulta as relações de cuidado entre os atores sociais.

Silvia Federici (2017) analisa as transformações da condição da mulher no processo de acumulação primitiva, cujas marcas estão presentes na contemporaneidade, e mostra que ela teve seu lugar violentamente deslocado, uma vez que foi retirada do espaço público e confinada no espaço doméstico para desempenhar um trabalho essencial dentro do sistema

capitalista nascente: a reprodução da força de trabalho, atendendo às necessidades básicas (alimentação, reprodução de valores sociais e cuidado) dos atuais e futuros trabalhadores e das futuras cuidadoras. Ser mãe passa a ser um imperativo. Tal trabalho não remunerado, junto a outras técnicas de poder, submeteu a mulher ao homem, degradando sua condição social.

As lutas feministas alcançaram importantes conquistas, dentre elas a inserção mais ampla da mulher no mercado de trabalho, mas essas vitórias dependem tanto da conjuntura quanto da correlação de forças em determinado momento histórico. Os avanços, assim, esbarraram em limites: as tarefas domésticas ainda são representadas como femininas, sobrecarregando as mulheres, em especial as mulheres negras (IPEA, 2017), e nenhuma redução da jornada de trabalho para homens e mulheres está no horizonte.

A condição da mulher não é universal. As mulheres mais pobres, no processo descrito por Federici (2016), foram forçadas à busca pela sobrevivência; logo, à sobrecarga adicional. Já as mulheres escravizadas tiveram sua humanidade subtraída, sendo comercializadas como objetos e cruelmente exploradas e violentadas (Davis, 2016). Na perspectiva da interseccionalidade, as questões de gênero são perpassadas pelas de classe, raça e orientação sexual, resultando em maior ou menor opressão. Assim, essa escrevivência, não podendo apontar para uma mulher universal, conta a história de uma mulher privilegiada levada ao limite com a maternidade.

Outro elemento incorporado na escrevivência foi o sofrimento inerente ao sistema capitalista. O espírito da racionalidade liberal capitalista coloca mérito, esforço, organização, previdência e técnica como meios a serem adotados pelo indivíduo para alcançar os fins. A ideia do indivíduo e da família mononuclear no centro do sistema capitalista foi claramente destacada por Margaret Thatcher ao proclamar que a sociedade não existe, só indivíduos e famílias. Tal enunciação revela o ataque a qualquer senso de solidariedade, de coletividade e de cuidado na sociedade capitalista e acentua o encapsulamento dos núcleos familiares, a atomização dos sujeitos e o acirramento da competição entre eles, pois reforça a ideia da existência apenas de pessoas independentes que se relacionam umas com as outras a partir de seus interesses particulares. Além disso, tal discurso reafirma a ideia da dedicação e responsabilidade única e exclusiva da família pelo seu sustento e pela educação de seus dependentes, recaindo o peso do fracasso especialmente sobre os homens, no primeiro caso, e sobre as mulheres, no último.

A mulher desta escrita-vida, imbuída dessas crenças hegemônicas, julgou ser capaz de maternar sozinha, assumindo para si a tarefa do cuidado até não mais suportar. Apesar de todo planejamento e esforço, se deparou com um limite: a exaustão corpórea. A sensação de desamparo emerge junto à ideia de fracasso pela necessidade de ajuda, associada, nessa lógica meritocrática, à incapacidade.

O objetivo dessa escrevivência é apresentar essas passagens silenciadas pela construção do imaginário da supermãe que acumula responsabilidades, que cuida não só do bebê, mas de si e da casa (César et al., 2018) e, posteriormente, debater algumas questões relacionadas ao cuidado na sociedade contemporânea.

METODOLOGIA

A escrevivência (Evaristo, 2016, 2005) como recurso estilístico foi explorada por Melo e Godoy (2016). Trata-se de uma “escrita-vida” (Melo e Godoy, 2016, p. 23), que usa a ficção como forma de resistência e é capaz de contribuir para um movimento emancipatório (Melo e Godoy, 2016) no qual:

o devir surge como um conceito-movimento que reflete um tornar-se, cujo foco se dá no próprio processo, produção, e não no produto – assim, estar em curso de mudança é mais importante que um suposto destino (Melo e Godoy, 2016, p. 24).

Melo e Godoy (2016) abordam a questão racial, alinhados à Conceição Evaristo. Contudo, acredita-se que tal recurso estilístico possa ser expandido trazendo potência para pensar outras questões, como a da mulher.

Nesse movimento de ser e devir como “linhas de fuga que escorrem em várias direções” (Melo e Godoy, 2016, p.26), metáforas e histórias se misturam sinalizando os processos. Este artigo consiste num convite à reflexão sobre a maternidade na contemporaneidade por meio dessa escrevivência ancorada nos elementos apresentados nesta introdução.

RESULTADO

Eis a escrevivência intitulada **O curso do rio: maternidade e autoconhecimento**

Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas, ninguém diz violentas as margens que o comprimem.

Bertolt Brecht

Um dia acordei mãe e tudo estava diferente. Nunca havia sentido tamanha alegria e em pouco tempo também tamanha angústia. Ambas as emoções me tomariam a todo instante, conflituosamente, às vezes alternadamente, às vezes combinadas. Eu seria invadida por inúmeros e turbulentos movimentos de contradição, movimentos invisíveis, tormentas que não se deixariam ver. Não seriam mais trombas d’água, decorrentes de tempestades passageiras. Seriam avassaladoras, velozes, volumosas, intermitentes, não me permitiriam descansar. Não permitem até hoje.

A vida previsível

Antes de eu acordar mãe, as coisas eram tão óbvias quanto se localizar pelo leito do rio para chegar ao mar. O ritmo regular só se complicava em momentos de crises, mas crises eram passageiras, eu achava. Passageiras como a tempestade que avoluma o rio, trazendo para dentro elementos estranhos. Tal mudança o agita, aumenta a velocidade e a intensidade de suas águas, fazendo-o transbordar para além de suas margens. Entretanto, é previsto que tudo se acomode, que passe.

Tempestades me tomavam de tempos em tempos... Sempre me tomaram ... E traziam consequências. Máquinas dão defeito: as peças, o processador, os algoritmos inadequados. Eu-máquina atravessava a tempestade e seguia. Doença, estresse, cansaço, desesperança, tudo passava. Alguém falava ou fazia algo que batia mal... erro individual ou questão moral - a pessoa não presta. Era entender o caso e resolver... “O inferno são os outros”, sempre os outros.

O rio sempre segue seu curso: esperado, conhecido, previsível, em grande medida planejado. Provas, problemas familiares e de relacionamento... tempestades que passam... o rio segue seu curso. Emprego, decepção... tempestade que passa... O rio se acomoda e segue seu curso. Mestrado, tempestade que passa e o rio segue seu curso. Doutorado, casamento, tempestade, separação, tempestade que passa, rio que segue.... Outro casamento, gravidez, defesa de tese e acordei! Quando acordei mãe, tudo estava diferente.

O dia em que acordei mãe

Quando acordei mãe, meu corpo transbordava esgotamento, mas eu só enxergava cansaço. A diferença entre o corpo que fala e a mente que mente é a dimensão do que ficou submerso e não chegou à superfície. As contradições se apresentavam, mas eu não as via. Elas sugavam minha vitalidade. Por sorte contei com um gerador externo, uma alimentação, uma fonte de energia. Não, a fonte não se chamava maternidade, paradoxalmente, era meu filho. Não, não a maternidade...

A maternidade trouxe fragmentação, decepção comigo mesma, culpa. O pequenino trouxe autoconhecimento, ressignificação da vida e do sentido das relações. Aprendizado, conhecimento, mudança... também angústia e esperança. A maternidade me mostrava limites que eu desconhecia... Meu filho ampliava as possibilidades. Nada como aprender com a fonte que emana vida, ilimitada de possibilidades, de querer, desejosa de contato e também de liberdade... Potência ainda pouco tolhida.

Antes d'eu acordar mãe, minhas certezas eram tão certas que, fora das tempestades, meu corpo transitava sem se abalar, como um rio que sabia todo o seu curso até chegar ao mar. Tempestade era sinal de escolha errada, questão de achar o prumo e seguir... Esforço, organização e disciplina... não é esse o segredo do sucesso?

Meu corpo tinha passos certos e seguros, antes d'eu acordar. Antes d'eu acordar, já havia lido bastante. Sabia como ser mãe, como conciliar a maternidade comigo mesma, com o trabalho, com o casamento, com os amigos e com os projetos. Eu sabia tudo antes de acordar. Vivia o eterno retorno e não compreendia a imagem do anjo da história que olha fixamente para trás e fita ruínas enquanto é carregado pelo progresso, sem poder resistir. Acumulei ferramentas da técnica, mas só comecei a caminhada depois, no dia em que acordei.

Assim que acordei mãe, tudo parecia um sonho, as tempestades eram previstas e eu sabia que passariam... Mas não passaram. Numa rapidez desconfortante, a tempestade se instalou em mim e a inquietude era eu. Não sabia ler o mundo que se apresentava e o mundo que eu sabia não era. Tantas verdades me foram transmitidas e nenhuma fórmula pronta dava resultado afinal. Meu filho foi o início de um estranhamento de mim mesma e de um estranhamento do mundo. Angústia... havia limite... eu não podia tudo. As receitas fáceis não só não funcionavam, eram quimera. Sim... eu achava que o céu era o limite... antes d'eu acordar. Segui caminhando... Perdia-me de mim ao mesmo tempo em que me descobria, que me conhecia, que me construía, que melhorava, que me humanizava.

Desidentificação

Tudo começou quando eu acordei mãe. Não conseguia andar sozinha, minha certeza de autossuficiência fora devastadoramente enterrada. O esforço, a organização e a disciplina não foram suficientes para encobrir a minha completa impossibilidade de cuidar sozinha de uma simples criança. Não conseguia atender a todas as suas necessidades sem me exaurir, nem às minhas... Meus passos firmes logo se tornaram revoltos, minha serenidade acabara. Seria outra tempestade passageira? Eu tentava corrigir o rumo. Onde estava errando?

Minhas certezas antes se resumiam a achar a culpa em mim ou no outro, mas as lentes pelas quais eu enxergava o mundo não estavam funcionando. Foi doloroso enterrar um modelo de explicação usado por tantas décadas... É como perder a visão! De uma hora para outra, o modelo da doutora era digno de ser jogado no lixo! A tempestade me tirava a referência e eu agora era o caos.

O mundo pesava em minhas costas, sinto-o até hoje ali; são dores crônicas sobre os ombros. Dores que começaram quando eu acordei mãe e nunca mais me deixaram. São

resultado do esgarçamento de mim enquanto buscava desesperadamente me reconstruir. Talvez seja o peso de tentar segurar as ruínas de mim mesma e, ao mesmo tempo, erguer algo que me pareça eu. O novo renascendo após o fim das certezas, buscando identificar focos de essência em meio ao amálgama da ilusão, da aparência. Sinto o mundo mais complexo... e também mais coerente.

Redes de solidariedade

Eu não admitia precisar de ajuda. Minha mãe-anjo a deu mesmo sem que eu solicitasse, inúmeras vezes, mas eu nunca havia percebido. Era algo tão natural, quase como se fosse sua missão.

As pessoas sábias conhecem as necessidades humanas e se relacionam com os outros de uma maneira comprometida, mas desinteressada; consciente, mas humilde. As pessoas sábias são empáticas e cooperativas. Lendo, conscientemente ou não, o absurdo das dinâmicas competitivas e aniquiladoras, incompatíveis com a vida, sabem da importância da coletividade e das relações afetivas. Sentem as dores dos outros, não julgam facilmente. São doadoras de sopros de vida em tempos de desamparo e desesperança, formam redes de solidariedade que nos permitem seguir. Cadê o título de minha mãe? O título de mulher sábia do mundo!

Minha mãe me amparava e ao mesmo tempo me incomodava. Ou seria eu que enervava a mim mesma ao acreditar na autossuficiência que inexistia? Meu percurso firme e seguro havia se tornado revoltado. Eu sentia que fracassava a cada vez que precisava de ajuda, eram punhaladas no ego, era o fracasso em mim. E eu precisava tanto... Mas não queria, não reconhecia, nem valorizava.

Em determinados momentos, quando meu companheiro chegava do trabalho, eu explodia ou desabava, berrava ou chorava. Eram pedidos desesperados de socorro que não cabiam em palavras... não estavam representados no paradigma de mundo que eu seguia. Eu era o caos.

Passou uma eternidade em meia década para que eu percebesse que nunca havia feito nada sozinha em toda a minha vida; que todas as minhas necessidades haviam sido satisfeitas para que eu trilhasse um caminho seguro e certo. Passei a pensar em quem não tem esse privilégio e talvez não possa escolher... certamente serão rios a escalar muros para chegar ao mar. Senti-me ainda menos potente. Na superfície turbulenta, eu começava a perceber contrastes e desigualdades.

Uma vivência de estranhamentos

Quando acordei mãe, percebi o que é ter seu trabalho desvalorizado, não reconhecido. Descobri a diferença entre o trabalho importante e o trabalho remunerado. Analisei minhas relações. A doutora descobriu que nada sabe, embora sua trajetória lhe tenha dado um enorme poder para falar e, mais que isso, o poder de ser ouvida, considerada e reconhecida. Senti-me envergonhada, e também enganada. Quero falar sobre isso, mas ninguém quer ouvir...

O rio se estranhava, estranhava os limites a ele impostos como seus. As inconsistências e os contrastes agora se fazem perceber em todo lugar, nos gestos, nas relações, nas diferenças humanas naturais e produzidas. A tempestade em mim forçava meus limites, agitava águas que em mim transbordavam sem cessar, molhavam a pele do meu rosto. Águas extravasam ainda hoje frente às coisas importantes da vida que eu não enxergava e não era

capaz de escutar. Talvez seja empatia. Talvez seja a esperança que se reforça ao identificar outros que estranham o mundo em meio à cegueira e veem na superação desse sistema de competição e aniquilamento um norte que possibilite a vida. Quero falar sobre isso, mas ninguém quer ouvir...

A sabedoria natural

Em meio ao caos do descentramento, o recém-chegado me ensinava e me encantava. Eram conexões, percepções de um e outro, trocas. Era a existência na relação se construindo, cativando, mostrando o que é ser a todo instante. Eu pensava sobre o peso das coisas na vida. Minha mãe havia sido tão importante quanto era agora. Ela era poderosa. Separei um lugar especial para ela no topo de qualquer lugar - deste texto, do altar, do céu.

Toda uma concepção de vida derrubada no momento em que eu acordei mãe. A disciplina levava ao resultado desejado: assim eu achava, mas um pequenino me jogou na cara, inúmeras vezes, que meu modelo era fraco, ruim, simplista e inadequado.

Certa vez eu quis levá-lo para brincar no parque com um objetivo muito claro: chegar ao parque para que ele se divertisse. Ele pisou na rua e pegou a primeira folha caída que viu: parou naquela folha, analisou sua estrutura, jogou-a contra o chão, tentou prová-la, virá-la, ele a conhecia sem parar. Eu me contorcia de irritação; precisávamos chegar ao parque para que a diversão começasse. Ele demorava. Tentei apressá-lo. Ele ora me ignorava, ou me contrariava, sempre resistia. Por fim eu o peguei no colo e o levei ao destino. Ele protestou intensamente, mas chegando ao destino, brincou. Eu pensei: “não disse que ele se divertiria aqui?”. Arrependo-me, mas eu era outra pessoa. Perdoo-me também.

Eu vivenciava e enunciava a parte boa dessa relação e omitia a frustração, como achava que deveria ser, como as mães se empenhavam em fazer. Achava que os limites que eu impunha o ensinavam, os mesmos limites que me cegaram a vida toda. Achava, até que parei de achar. Espero que não o tenha estragado demais!

Perdi a conta de quantas vezes repeti esse padrão gerador de estresse em nossa relação. Eu mal digeriria tudo, até que compreendi e decidi expelir o que havia secado e cultivar o que de bom florescia em mim. Se ele se divertia com a folha que encontrara no primeiro passo, já havia começado tudo certo. Com a folha ele fazia experimentos, testava limites e aprendia. O pequeno sábio ensinou que o processo é o importante, que se aprende vivendo, na troca, em relação. São as trocas as partes mais gostosas do viver. O resultado é, ou deveria ser, apenas a consequência do longo e delicioso processo de trabalharvivendo (ou seria de vivendotrabalhar?). Quando comecei a considerar a utilidade, a medição quantitativa da eficiência e a aparência dos títulos mais que a essência? Em que momento da minha infância eu desaprendera a aprender, a explorar, a tentar compreender, a buscar contradições, a me indignar, a resistir? Como isso pôde acontecer? Eu nascera curiosa e potente, uma pesquisadora, como toda criança. Como me tornara medíocre? Quando passei a me enxergar como livre e autossuficiente?

A violência percebida

Deparei-me com um provérbio africano que dizia ser necessário uma aldeia inteira para criar uma criança. Pensei em minhas dificuldades, pensei que gostaria de saber disso antes, pensei que gostaria de ter aprendido isso na escola, pensei que queria viver numa sociedade que pensasse assim.

Percebi que as redes de solidariedade produzem vida no interior dos limites que nos aprisionam, nos constroem, nos aniquilam, nos matam. Dei-me conta, novamente, de que nunca andei sozinha. Pensei também que para chegar onde estou foi necessário apoio familiar, financeiro e afetivo. Como fazem as pessoas que não têm quem faça por elas? Qual a causa fundamental de tamanho desamparo?

As minhas margens eram mais largas que as de muitos. Todos os suportes me doeram, porque eram coisas tão básicas e necessárias, eram direitos transformados em privilégios, impulsionavam-me ao serem negados a muitos outros, restringindo suas caminhadas. Pensei em bilionários - achei revoltante. Pensei na reprodução da pobreza - achei repugnante.

Do estranhamento à reconstrução

Aos poucos a tempestade interna se apresenta como chuva que gera vida. Eu me movo. Desloco-me, enxergo-me, reconheço-me.

Sabe quando o rio tem seu leito invadido por terra, como acontece com o desmatamento da mata ciliar? Seu volume diminui e as chuvas que o retroalimentam se tornam mais escassas. A tempestade é aquela capaz de despertar a vida, o movimento, a resistência, a produção.

As barreiras impostas às relações afetivas matam lentamente. O trabalho que não entrelaça as vidas e não objetiva as necessidades, que se volta para algumas poucas vidas, luxos e caprichos, mata aos poucos e aos montes.

Estranho demais, observo mais, escuto mais, questiono mais. Virei, estou virando, aos poucos, uma verdadeira pesquisadora. Lembro-me do comentário de uma colega sobre a bolsa de grife que uma pesquisadora, membro da banca, colocou estrategicamente sob a mesa antes do início da defesa da tese, parece-me tão fora de lugar.

Como fico quando o objeto do meu trabalho tão importante perde a relevância, torna-se algo secundário? Como fico quando as relações procedimentais superficiais não me bastam, quando quero falar sobre isso e meus próximos não querem? Meus grupos e espaços não me comportam mais...

Por sorte as coisas se dão de forma processual, desconstroem-se e constroem-se aos poucos. Quando quis ouvir e saber mais, atraí novas pessoas, novos livros e afazeres. Meu trabalho, aos poucos, muda de foco. Eu, aos poucos, me formo. Meu pequenino menino me trouxe até aqui, embora não só ele.

Não caibo mais dentro das violentas margens que me restringem. No viver, adapto minha forma, forço as margens aos poucos e, quando dá, violentamente. Desenvolvo-me. Estou aqui porque preciso estar; não para me sustentar, mas para compreender... O corpo esgotado e dolorido resolve assim estar no mundo. Torço para o despertar de todos os rios, para que percebam a violência de suas margens. O rio forçou seus limites e, mais perto da foz, desaguou no mar. O mar, por sua vez, está aterrado, mas, irá, certamente, alcançar sobre os limites instituídos. O mar impõe seus próprios limites. Lembro-me de Beauvoir:

Que nada nos limite, que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que decepção não mata. E que a vida sempre, sempre continua.

Simone de Beauvoir

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo de reflexão apresentou, inspirado no recurso estilístico de Conceição Evaristo, uma escrevivência que pontuou alguns fatores que pesam sobre a maternidade: (1) o imaginário da supermulher que cuida do lar, de si e dos filhos - cumprindo, assim, com êxito, sua obrigação; (2) o espírito do individualismo na sociedade contemporânea, que coloca as relações de cuidado associadas ao favor ou à caridade; (3) o imaginário do trabalho relevante como aquele bem remunerado e que gera lucro, rebaixando o cuidado e as tarefas domésticas à categoria de não-trabalho; (4) a sensação de fracasso decorrente da ideia do êxito associado ao esforço individual e ao mérito do sujeito; (5) o encapsulamento da família, afastando do horizonte a perspectiva da execução de atividades de modo mais coletivizado.

Um estudo recente revela que os debates de mães portuguesas em grupos de Facebook® priorizam os problemas das crianças e as técnicas de maternagem e invisibilizam as necessidades maternas. Afetos positivos (mais frequentes) e negativos são relatados e as mães dizem haver um nível alucinante de exigência, mas adotam a perspectiva da supermãe, daquela que acumula responsabilidades (César et al., 2018). Na contramão dessa perspectiva, Dalbosco (2006) apresenta o cuidado em Heidegger como:

ser do ser-aí, como sua totalidade e como sua condição ontológico-existencial [...] numa outra perspectiva que não só a da familiaridade cotidiana. Cuidado [...] não comporta uma atitude parcial, fragmentada ou recortada da ação humana, que tomasse por base somente uma racionalidade estratégico-procedimental, mas sim um modo de existir que exige do ser-aí uma autocompreensão de sua ação como um acontecimento que abrange a vida humana em sua totalidade. Cuidado exige a ocupação da vida humana consigo mesma e com os outros, cuja própria ocupação deve ter em mente uma perspectiva de integralidade, com a faticidade, a existencialidade e a decadência da ação humana” (2006, p.1125).

Cuidado é, neste sentido, a dimensão existencial da ação assumida pelo ser humano para, consciente de sua temporalidade e historicidade, se formar a si mesmo por meio da postura dialógico-compreensiva com os outros e com as coisas. Mas este formar-se a si mesmo só adquire sentido na medida em que o ser humano se descobre e se autocompreende como um ser incompleto que, enquanto tal, precisa buscar permanentemente sua completude, mesmo sabendo que jamais pode alcançá-la definitivamente (2006, p.1131-1132).

A compreensão do ser-aí como acontecência justifica, do ponto de vista antropológico-existencial, uma dimensão da ação humana que precisa levar em conta a contingência e a transitoriedade como seu aspecto constitutivo (2006, p.1131-1132).

Esta escrevivência exercitou esse processo dialógico compreensivo e a tomada de consciência em relação, dando voz ao que é recalcado, silenciado. Perpassou percepções, sensações e reflexões que fizeram emergir as contradições entre concepções de mundo hegemônicas e a realidade.

O emergir das questões maternas partiu de uma perspectiva meritocrática. Nessa chave, o esforço individual a tudo alcança e a necessidade de ajuda é sinal de fraqueza. Metáforas associadas ao conflito interno buscaram indicar alguns elementos que afetam a maternidade de forma negativa, como a atomização dos sujeitos e as representações dominantes a respeito tanto da relação indivíduo-sociedade quanto da relação de gênero - daí a escolha pela supressão da figura masculina.

A lógica que coloca o indivíduo e seus interesses particulares no centro sugere aos sujeitos que desconsiderem os outros, pois precisam focar em si mesmos e competir entre si no mercado. As redes de solidariedade entram sob a forma de caridade e o cuidado aparece como obrigação, como dever moral ligado à virtude, ao amor. A mãe incorpora o papel

historicamente construído da supermãe que se sacrifica pelos seus: ser mãe é padecer no paraíso. Essas representações colocam o cuidado para com os filhos sob responsabilidade única e exclusiva da família, especialmente da mãe. É dela também toda a culpa em caso de insucesso na tarefa de criação. A mudança de paradigma em relação ao cuidado deve estar no horizonte. É preciso se distanciar das ideias de peso, doação, caridade, obrigação ou de qualquer outro aspecto moral, e se aproximar do cuidado sob a perspectiva apresentada por Dalbosco a partir de Heidegger. Por meio “da postura dialógico-compreensiva com os outros e com as coisas” é possível “formar a si mesmo”. Essa “dimensão existencial” do cuidado “precisa levar em conta a contingência e a transitoriedade como seu aspecto constitutivo”. Enquanto vivenciar as relações não considerar essa “dimensão existencial” (2006, p.1131-1132), não é possível sair do lugar, por mais que o tempo passe.

O afastamento e a superficialização das relações envolvem, dentre outras questões, a aceleração do tempo, a virtualização dos contatos, as longas jornadas de trabalho e a lógica da eficiência, que direcionam para trocas técnicos-procedimentais no trabalho e utilitaristas na vida.

O discurso contemporâneo abafa a ideia do comum e evoca o interesse individual como disparador da ação egoísta. Tal discurso revertido em prática resulta na sensação de fracasso da maioria da sociedade, diminui as relações substantivas e cooperativas entre sujeitos e contribui para o sofrimento na contemporaneidade. As relações afetivas e significativas estão dentre as necessidades humanas mais elementares. Os distúrbios psíquicos em crianças (Biazus e Ramires, 2012; Quintero e Rodríguez-Gómez, 2016) podem ter relação com a impossibilidade dos encontros substantivos no mundo acelerado, voltado para o mercado e pautado por atividades programadas e encaixadas em agendas lotadas.

Dardot e Laval (2016) propõem a valorização da co-atividade e do engajamento em tarefas desempenhadas de forma coletiva. Em suma: propõem o deslocamento do comum de adjetivo (bem comum) para substantivo (o comum). Ligando o conceito de comum à ação, Dardot e Laval (2016) enfatizam sua dimensão política, afastando-o das ideias de moralidade, dignidade e empatia (do âmbito das ações individuais ou jurídicas virtuosas). Defendem que apenas na co-atividade os homens tornam as coisas comuns e se produz um “novo sujeito coletivo”, em oposição à ideia de que tal sujeito virtuoso preexista. Essas perspectivas de cuidado e de comum são potencialmente transformadoras da realidade apresentada a seguir.

As dinâmicas formais e informais voltadas ao social e ao cuidado são desvalorizadas, pois a centralidade no indivíduo é antagônica à ideia do comum. Nesse paradigma, profissionais da saúde, da limpeza urbana, das artes, da cultura, do ensino, do trabalho doméstico e da reciclagem, dentre outros, têm seus trabalhos menosprezados. A ideia de meritocracia alimenta esse ciclo desvirtuoso ao remeter à lógica que associa baixos salários à falta de esforço e o não salário ao não trabalho (atividades no próprio lar e maternas entram nessa categoria).

Ainda parte desse ciclo desumanizador, a perspectiva de uma vida digna no futuro impõe o sacrifício das relações no presente, afastando o cuidado enquanto ser-aí. Em conjunto, esses fatores estabelecem uma clivagem: os sujeitos consideram essas atividades como fundamentais e necessitam delas (Graeber, 2014) e ao mesmo tempo as veem através do paradigma hegemônico falacioso da sociedade de indivíduos. Tal clivagem permite que o cuidado fique à deriva e que trabalhadores de serviços essenciais não sejam alçados ao lugar social digno da sua importância. Dessa forma, esse setor que concentra grande parte das atividades humanas (Graeber, 2014, Jacobin Brasil, 2020) tem suas instalações e equipamentos sucateados e suas condições de trabalho e vida precarizadas. Em outro mesmo movimento, os serviços essenciais são transferidos ao setor privado, que lucra com a

necessidade social. O cuidado se reduz a um negócio, a procedimentos, a uma mercadoria acessível a quem pode pagar, deixando muitos desassistidos.

Considerando o cuidado infantil, os companheiros (em alguns casos) e as avós maternas são as principais redes de apoio das mães (César et al., 2018, Pessôa et al., 2016), pois, na representação social hegemônica, a família nuclear deve ser capaz de cuidar sozinha de seus descendentes. O papel do pai no cuidado tem sido debatido (César et al., 2018), embora a ausência paterna e a representação do pai como aquele que ajuda acentuem o maior peso sobre a mulher (Oliveira e Marques, 2020). Essa dinâmica social atrelada à noção de ajuda à mãe ou à família responsável não integra o conceito do comum. Outra forma de organização presente, embora menos frequente, é a creche parental, onde é realizado um rodízio das mães. A cada dia, uma das mães fica responsável pelo cuidado de todas as crianças do grupo. Tal prática, embora estabeleça uma rede de apoio, não se caracteriza como co-atividade, pois esta tem outra dimensão, representada na escrivivência pelo provérbio africano: “É preciso uma aldeia inteira para cuidar de uma criança”. Nesse sentido, o ambiente privado é um importante limitador de práticas compartilhadas.

Contratar creches ou babás é uma prática comum dentre mulheres de classes sociais mais privilegiadas (Pessôa et al., 2016). A sobrecarga sentida por uma é transferida a outras mulheres, geralmente negras e pobres, que, muitas vezes, desassistem seus próprios filhos e seu lar para trabalhar nessas mesmas tarefas em outras residências (Costa, 2014). Tais mulheres acumulam, assim, as tarefas de suas próprias casas e as do trabalho. Tal desvantagem social afeta também seus filhos (Costa, 2014). A ideia da sociedade como um conjunto de indivíduos independentes, que interagem a partir dos seus interesses, pesa mais sobre os socialmente desfavorecidos. O discurso do indivíduo como centro da sociedade, além de desmerecer os trabalhos humanos essenciais que elevam os privilegiados ao êxito, destrói a ideia de uma sociedade baseada na perspectiva do trabalho coletivo e socialmente relevante. Dada a interseccionalidade das opressões, mulheres negras e pobres são as mais prejudicadas (Davis, 2016; Crenshaw, 1994).

A maior inserção da mulher no mercado de trabalho não caminhou *pari passu* com políticas públicas voltadas ao cuidado. Ao contrário, o mercado lucra com a carência humana. A anomia social é sintoma de uma dinâmica social perversa pautada no **desamparo social**, centrada no lucro e na negação das relações humanas substanciais. Não repensar a jornada de trabalho, que ocupa a maior parte do tempo de homens e mulheres, indica que o capitalismo desvaloriza o cuidado como uma atividade social essencial e enxerga os trabalhadores como meras mercadorias a serem usadas ao máximo e descartadas. O fenômeno da coisificação do humano no sistema capitalista foi descrito por Karl Marx (2011).

Apesar da representação social hegemônica do êxito associado ao esforço e ao mérito individual, na prática e em decorrência de necessidades concretas se estabelecem importantes redes de solidariedade e de apoio, tais como a família ampliada e redes comunitárias. Serviços também surgem a partir da demanda estimulada pelas condições sociais desfavoráveis ao cuidado. O cuidado - cuja importância é invisibilizada sob a forma de um “problema” que impede o indivíduo de “disputar no mercado” - é essencial. Silvia Federici (2019), numa perspectiva do reconhecimento social do trabalho doméstico como trabalho, propõe sua remuneração, e David Graeber defende a renda básica universal visando à garantia dos direitos humanos e à possibilidade dos sujeitos rejeitarem “trabalhos de merda”, socialmente inúteis ou perniciosos (Jacobin Brasil, 2020). Tais políticas são importantes porque podem aumentar a proteção e a autonomia dos sujeitos, no geral, e das mulheres, em especial. Na pandemia, o auxílio emergencial nos Estados Unidos, embora diferente da renda básica que se pretende um direito universal, já aponta esse efeito de recusa de trabalhos de merda e mal remunerados (Orazem, 2021). No entanto, essas pautas não deslocam o eixo do paradigma da economia para o da vida social na perspectiva do comum como substantivo.

Pensando nisso, e também considerando o horizonte de aumento do desemprego com o avanço tecnológico, é preciso que o combate à desigualdade de renda, a redução da jornada de trabalho e a supressão da lógica da produtividade estejam também na pauta e não sejam perdidos de vista. Por fim, a magnitude da diminuição da jornada de trabalho deve ser pensada como aquela que possibilite o fim do desemprego e o exercício do comum como “condição ontológico-existencial” que “que abrange a vida humana em sua totalidade” (2006, 1131-1132).

Na contemporaneidade, entretanto, as agendas neoliberais vão no sentido contrário. Acentuam a exploração do humano e da natureza e, simultaneamente, destroem as redes de solidariedade e as leis e políticas que garantem algum direito aos cidadãos, praticando a necropolítica. A desimportância das relações entre os humanos e da natureza no capitalismo é reafirmada com mais força. O neoliberalismo é a exposição explícita da lógica destrutiva inerente ao capitalismo: são governos cujas instituições de meio ambiente agem contra o meio ambiente, as de educação agem contra a educação, as de direitos humanos se opõem aos direitos humanos e assim por diante (Arantes, 2021). Em relação ao cuidado na infância, propostas como a da educação domiciliar, acompanhadas do desinvestimento em educação, resultarão em carga adicional para as famílias, especialmente para as mães, que terão que ensinar seus filhos - muitas vezes sem condições para fazê-lo, ferindo o direito à educação. A recente aprovação da contrarreforma da previdência, por sua vez, desestrutura fortemente as redes em torno da figura da avó, pois postergar ou impedir sua aposentadoria e diminuir o valor recebido equivalem a inviabilizar a rede que gira em torno dessa figura, que será forçada ao trabalho por mais tempo. É preciso subverter radicalmente a lógica que move nossa sociedade e superar o sistema sociometabólico vigente, dando centralidade às ideias do comum e do cuidado neste sentido existencial.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, PAULO. **A desconstrução que estamos vivendo**. Aula inaugural da turma de 2021 do Curso de Mestrado Acadêmico em Filosofia da UECE. 13 maio, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=B5xBEXdBK6Y>>. Acesso em 13 jun. 2021.
- BIAZUS, CAMILLA BALDICERA; RAMIRES, VERA REGINA RÖHNELT. Depressão na adolescência: uma problemática dos vínculos. **Psicologia em Estudo**, v.17, n.1, p. 83-91, 2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v17n1/v17n1a09.pdf>>. Acesso em 03 out. 2020.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CÉSAR, FILIPA; OLIVEIRA, ALEXANDRA; FONTAINE, ANNE-MARIE. Modelos sociais de maternidade difundidos em páginas e grupos do Facebook em Portugal. **Análise Psicológica**, v.36, n.1, p.47-59, 2018. Disponível em: <<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/1333>>. Acesso em 03 out. 2020.
- COSTA, SUELY GOMES. Conforto, proteção social e emprego doméstico. **Serviço Social & Sociedade**, n.120, p.767-794, 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/sssoc/n120/10.pdf>>. Acesso em 03 out. 2020.
- CRENSHAW, KIMBERLÉ W. Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color. In: FINEMAN, MARTHA ALBERTSON; MYKITIUK, ROXANNE (orgs). **The Public Nature of Private Violence**. New York: Routledge, 1994.
- DALBOSCO, CLÁUDIO ALMIR. O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia. **Educação e Sociedade**, v.27, n.97, p.1113-1135, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a03v2797.pdf>>. Acesso em 03 out. 2020.

DARDOT, PIERRE; LAVAL, CHRISTIAN. **Comum**: ensaio sobre a revolução no século XXI. Trad. ; Echalar, Mariana. São Paulo: Editora Boitempo, 2017.

DAVIS, ANGELA. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, NADILZA MARTINS; SCHNEIDER, LIANE (orgs). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ideia, 2005, p. 201-224.

EVARISTO, CONCEIÇÃO. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas - Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 15-19.

FEDERICI, SILVIA. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. 1. ed., Elefante editora, 2017.

FEDERICI, SILVIA. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. 1. ed., Elefante editora, 2019.

GODOY, MARIA CAROLINA; MELO, ENRIQUE FURTADO. Escrivivência e produção de subjetividades: reflexões em torno de "Olhos d'água", de Conceição Evaristo. **Revista Signótica**, v.28, n.1, p.23-42, 2016.

GRAEBER, DAVID. Sobre o fenômeno dos trabalhos de merda. 15 jan. 2014. **Uma incerta antropologia**. Disponível em <<https://umaincertaantropologia.org/2014/01/15/david-graeber-sobre-o-fenomeno-dos-empregos-de-merda/>>. Acesso em 03 out. 2020.

HEIDEGGER, M. **Sein und Zeit**. Tübingen: Max Niemeyer, 1967.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). **Retrato das desigualdades de raça e gênero**: 1995-2015. Brasília : IPEA. 2017. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=29526>. Acesso em 03 out. 2020.

JACOBIN. A ascensão dos empregos de merda: uma entrevista com David Graeber. **Jacobin Revista**. 04 set.2020. Disponível em: <<https://jacobin.com.br/2020/09/a-ascensao-dos-empregos-de-merda/>>. Acesso em 03 out. 2020.

MARX, K; ENGELS, F. **O capital**: crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

OLIVEIRA, MARCELO ANDRADE CATTONI; MARQUES, STANLEY SOUZA. Contribuições para uma reconstrução crítica da gramática moderna da maternidade **Revista Estudos Feministas**, v.28, n.1, e68037. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/ref/v28n1/1806-9584-ref-28-01-e68037.pdf> >. Acesso em 03 out. 2020.

ORAZEM, ELOÁ. O que está por trás da "escassez" de mão de obra nos Estados Unidos. **Brasil de Fato**, 12 jun 2021. Disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/12/o-que-esta-por-tras-da-escassez-de-mao-de-obra-nos-estados-unidos>>.

PESSÔA, LUCIANA FONTES; SEIDL-DE-MOURA, MARIA LUCIA; RAMOS, DANDARA DE OLIVEIRA ; MENDES, DEISE MARIA LEAL FERNANDES. Sistemas de cuidados e o discurso de diferentes cuidadores do Rio de Janeiro: evidências de trajetória de desenvolvimento. **Estudos de Psicologia**, v.33, n.1, p.71-82, 2016. Disponível em:< <https://www.scielo.br/pdf/estpsi/v33n1/0103-166X-estpsi-33-01-00071.pdf>>. Acesso em 03 out. 2020.

QUINTERO, EDUARDO RENDÓN; RODRÍGUEZ-GÓMEZ, RODOLFO. La importancia del vínculo en la infancia: entre el psicoanálisis y la neurobiología. **Revista Ciencias de la Salud**, v.14, n.2, p.261-280, 2016. Disponível em:< <http://www.scielo.org.co/pdf/recis/v14n2/v14n2a11.pdf>>. Acesso em 03 out. 2020.